

## O IBERISMO E A FRANÇA COMO CULTURA INTERMEDIÁRIA EM OLIVEIRA MARTINS

ALVARO MANUEL MACHADO

Numa das suas *Cartas sobre a História de Portugal*, publicadas na *Revista Universal Lisbonense* em 1842, Alexandre Herculano escreveu o seguinte, referindo-se à Espanha, ou mais propriamente a Castela:

«[...] somos maiores do que ela — na glória de lhe havermos resistido sempre, pequenos e pobres; de lhe havermos ensinado, a ela e às outras grandes nações, o caminho das conquistas e do poderio; na glória finalmente de termos dado ao mundo os mais subidos exemplos de quanto é forte uma nação poucoíssima numerosa, quando crê na própria virtude e confia na protecção de Deus.»<sup>(1)</sup>

Cerca de trinta anos depois, alguns textos dispersos mas significativos em termos teóricos dum outro historiador português, representante da chamada geração de 70, Oliveira Mar-

---

<sup>(1)</sup> Alexandre Herculano, *Carta V*, in *Opúsculos IV*, edição crítica organizada por Jorge Custódio e José Manuel Garcia, Lisboa, Ed. Presença, 1985, p. 230.

tins, transformam esta rígida, demasiado solene e um tanto abstracta heroicidade lusitana oposta à hegemonia espanhola em ampla visão cultural ibérica. E essa transformação processa-se através sobretudo duma cultura latina intermediária, a cultura francesa, veículando uma cultura não latina que, no interior do próprio iberismo, Oliveira Martins adapta a Portugal: a cultura romântica alemã, com predominância da filosofia da história aplicada à literatura.

Vejam, com inevitável esquematismo, de que modo se processou essa fixação do iberismo como fenómeno cultural específico em Oliveira Martins, num período a que poderemos chamar o do «terceiro romantismo» em Portugal. Procederemos a essa análise breve atentando sobremaneira em textos publicados na década de 70 e relativos sobretudo ao fenómeno literário em Portugal num período de transição estético-cultural, de forma a detectar com maior precisão metodológica influências e confluências que contribuíram para a formação da imagem dum país estrangeiro, campo que a Literatura Comparada privilegia e que me é particularmente grato.

### 1. *Iberismo e germanismo*

Antes de mais, note-se que desde 1867, no seu romance histórico intitulado *Febo Moniz*, primeira obra que publicou, Oliveira Martins exalta a união ibérica. Apresenta-a então em termos absolutos, considerando-a, relativamente à restante cultura europeia, não só um elemento «útil», mas mesmo um elemento «fatal»<sup>(2)</sup>.

Os textos publicados na década de 70 reforçam esta visão, mas reforçam-na tornando-a simultaneamente mais *nuancée*, ao partirem dum certo germanismo «adaptado» pela raça.

---

(2) Oliveira Martins, *Febo Moniz*, 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores, 1952, p. 272. Note-se que esta crença no iberismo que atravessa o romance integra-se aqui num ideal de progresso exposto na «Introdução»: «Fazei pois do livro o instrumento, o guia, no caminho do progresso; fazei com que ele contribua para a perfeição: o reinado da justiça e da verdade» (idem, p. 8).



Assim, em 1872, num ensaio sobre Camões em que o considera o grande poeta ibérico da Renascença, Oliveira Martins segue já, na esteira de Antero de Quental, aquilo a que o próprio Antero, numa crítica a *Os Lusíadas — Ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação à sociedade portuguesa e ao movimento da Renascença*, chama «os grandes mestres da crítica moderna [...], Quinet, Taine, Renan, Michelet», utilizando uma «filosofia da história» rigorosa vinda da Alemanha <sup>(3)</sup>.

Mas é sobretudo nos textos publicados na *Revista Ocidental*, dirigida por Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, revista publicada entre 15 de Fevereiro e 15 de Julho de 1875, que Oliveira Martins desenvolve a ideia da importância do germanismo, através da cultura francesa como cultura intermediária, para chegar ao iberismo.

Cite-se, por exemplo, um texto de carácter geral, extremamente importante para a defesa do ideal ibérico como ideal essencialmente cultural, a partir da influência do conceito hegeliano de herói. Esse texto intitula-se *Os povos peninsulares e a civilização moderna* e, desde o início, Oliveira Martins vê o «génio peninsular» como sendo um génio heróico, inspirado pela Ideia no sentido hegeliano do termo:

«É o traço elementar orgânico do génio peninsular — o heroísmo. A vida é uma dedicação, um acto heróico, e cada homem um soldado do exército harmonioso duma grande Ideia.» <sup>(4)</sup>

Mas o heroísmo peninsular de que Oliveira Martins fala aqui não é uma abstracção. O historiador dá-nos, de facto, já neste texto, exemplos concretos da história de Portugal e da

---

<sup>(3)</sup> In *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 26 de Janeiro de 1872. Cf. Antero de Quental, *Prosas Dispersas*, edição organizada por Ruy Belo, Lisboa, Editorial Presença, 1966, p. 157. O ensaio de Oliveira Martins sobre Camões foi publicado em Lisboa, pela Imprensa Portuguesa.

<sup>(4)</sup> Oliveira Martins, *Páginas desconhecidas*, introdução, coordenação e notas de Lopes de Oliveira, Lisboa, Seara Nova, 1948, p. 68.

história de Espanha, estabelecendo paralelos nítidos, citando inclusivamente passos do *Cid*:

«O heroísmo activo gera o amor da liberdade; a liberdade anima os heróis; mas o herói não é o frio estoico, bruto e desapiadado; não é uma abstracção [...], é um indivíduo sensível, que chora, sente e geme, quando as dores do suplício o torturam; que exulta, folga e ri, quando chegam as horas do triunfo ou da festa; não é de pedra, é de carne; não veste a toga, calça os borzeguins do guerrilheiro, deita a clavina ao ombro, e desde Viriato até Riego ou Saldanha, sabe ao mesmo tempo amar e morrer:

*Rey de mi alma y d'esta tierra conde  
Porque me dexas? d'onde vas, adonde*

Assim pergunta Ximena ao Cid que a abraça,

*De los sus ojos tan fuertemente llorando.*

Vai entanto, parte. As lágrimas não embaraçam a acção; enxuga-as, como D. João de Castro enxugava as suas, quando, após um, mandava outro filho para a carniçaria de Diu.»<sup>(5)</sup>

Note-se ainda que, neste mesmo texto, Oliveira Martins fala também com clareza da França como elemento cultural intermediário entre a Alemanha e a Península Ibérica:

«Ao lado da Alemanha, herói do pensamento misterioso e vago [...], somos nós [peninsulares] o herói da acção e do amor, da independência altiva e do coração ardente. Entre nós e ela, a França, menos original e menos forte, tem o seu papel histórico de medianeira.»<sup>(6)</sup>

---

<sup>(5)</sup> Idem, *ibidem*, p. 77.

<sup>(6)</sup> Idem, *ibidem*, p. 74.



## 2. Iberismo e «humorismo»

Em textos de índole mais especificamente literária, publicados na mesma altura, Oliveira Martins desenvolve diversificadamente o conceito de iberismo. Por exemplo, em 1874, num artigo publicado na revista *Artes e Letras*, a propósito do livro de poemas de Guerra Junqueiro intitulado *A morte de D. João*. Analisando o mito de D. Juan em geral, Oliveira Martins refere-o essencialmente como expressão do «*eu indómito*», do «*eu monstruoso*» de Fichte, para chegar a um conceito de humorismo, essa «forma necessária e adequada do lirismo contemporâneo», como manifestação do donjuanismo ibérico, transpondo Heine para a Península Ibérica através das traduções francesas (7).

Acrescente-se que esta ideia de um *humorismo* tipicamente ibérico, como síntese de influências diversas da literatura europeia, sobretudo da alemã e da francesa, é muito frequentemente referida por Oliveira Martins até final da sua vida. Numa carta de 11 de Maio de 1891 dirigida ao redactor da revista *Nova Alvorada* (1891-1903), Oliveira Martins escreve, citando Camilo como exemplo supremo desse humorismo português, em paralelo perfeito com o humorismo espanhol: «nós, peninsulares, somos humoristas. Camilo foi um Quevedo» (8).

Voltando aos textos publicados em 1875 na *Revista Ocidental*, saliente-se o artigo intitulado *Os poetas da escola nova*. Neste artigo, Oliveira Martins analisa o carácter especificamente ibérico dos poetas «modernos» da sua geração (Teófilo Braga, Antero de Quental, Guilherme de Azevedo, Guerra Junqueiro). Constata que esse iberismo, sobretudo em Teófilo e em Antero, parte da atracção pela cultura alemã, mas sublinha o facto de a cultura francesa servir sempre de intermediária, deri-

---

(7) *Idem, ibidem*, p. 138.

(8) *Correspondência de J. P. de Oliveira Martins*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1926, p. 153.

vando do fenómeno literário para o domínio da história das ideias em geral, destacando as ideias de filosofia da história:

«O carácter seu da escola nova da poesia portuguesa, [...] é serem principalmente inspirados pelo sistema das ideias alemãs, apesar de os poetas receberem essa inspiração mais por via dos representantes da cultura germânica em França do que directamente pelos mestres alemães, pouco conhecidos e ainda menos lidos. [...] Hegel, o Aristóteles da nova idade filosófica, é lido por poucos, mas as ideias hegelianas que aparecem por toda a parte nos livros de Quinet, de Vacherot, de Proudhon, de Renan e mesmo de Michelet [...] são, entre os moços poetas e pensadores portugueses, mais sabidas e compreendidas do que a muitos se afiguraria. [...] Um livro de Feurbach, de Strauss ou de Hartmann dificilmente será aceite e até compreendido pela mocidade peninsular; porém, as ideias essenciais que esse livro contém, sendo expostas por boca de franceses, embora muitas vezes percam em profundidade o que ganham em perceptibilidade ou em colorido, facilmente encontram eco nos moços entusiastas que povoam as nossas escolas.»<sup>(9)</sup>

Assim, para Oliveira Martins (e é essa a conclusão do seu longo artigo, que, de facto, é um pequeno ensaio de quarenta páginas) os poetas da chamada «Escola Nova», influenciados sobretudo pelas ideias filosóficas alemãs via cultura francesa, têm um «tom peculiarmente nosso», uma maneira específica de assimilar as ideias europeias e, ao renovar a literatura portuguesa, testemunham a «personalidade viva dos povos peninsulares»<sup>(10)</sup>.

Esta tendência para formar um conceito de iberismo como fonte de civilização *sui generis*, ligando a literatura à história no seu processo de evolução cultural e utilizando a cultura fran-

---

<sup>(9)</sup> *Páginas desconhecidas*, ed. citada, pp. 163-4.

<sup>(10)</sup> *Idem*, p. 206.



cesa como cultura intermediária, vai acentuar-se em obras posteriores de Oliveira Martins. Sobretudo, vai tornar-se mais sistemática em obras como *História da Civilização Ibérica e História de Portugal* (1879), culminando no *Portugal Contemporâneo* (1881). Todavia, estes primeiros textos dispersos da década de 70 são já bem característicos dessa tendência, não só no que diz respeito a Oliveira Martins, mas também no que se refere a outros dos principais representantes da Geração de 70, a nível da história das ideias em Literatura Comparada<sup>(11)</sup>. Lembremos, em paralelo e a terminar, um texto de Eça de Queirós, incluído postumamente na coletânea *Ecos de Paris*, em que o romancista evoca a Europa finissecular como sendo um «verdadeiro hospício, onde o ar viciado pelas teorias se tornou mortífero», referindo-se à Espanha como única e heróica excepção:

«A Espanha é hoje, na Europa, a última nação heróica [...] Eu, pelo menos, acho sublime este patriotismo veemente, todo este nobre arranque. Heróica Espanha!»<sup>(12)</sup>

Digamos, enfim, que entre o texto de Herculano, inicialmente citado, por um lado, e os textos de Oliveira Martins e de Eça de Queirós, por outro lado, há um abismo de visão das relações históricas e culturais entre Espanha e Portugal. Digamos mesmo que é a própria imagem da Espanha que se transfigura, permitindo essa transfiguração que o elemento de latinidade, ao passar pela cultura francesa como cultura intermediária no desvendamento de culturas estrangeiras não latinas, se torne decisivo e renovador no contexto de todo o complexo e lento processo de evolução do romantismo português.

---

<sup>(11)</sup> Cf. a este propósito: Álvaro Manuel Machado, *Les romantismes au Portugal — Modèles étrangers et orientations nationales*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, capítulos IX a XII, pp. 307-500.

<sup>(12)</sup> Eça de Queirós, «A Espanha — O heroísmo espanhol...», in *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 4-5 de Janeiro de 1894. Cf. *Ecos de Paris*, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, s/d, p. 115.